

2. SOBRE O INFINITIVO SIMPLES NO PORTUGUÊS CULTO DA CIDADE DE SÃO PAULO

Egon Rangel
Unicamp

0. Introdução

Esta comunicação constitui o núcleo de um estudo sobre a sintaxe do infinitivo português na fala culta da cidade de São Paulo, por nós desenvolvido no âmbito do Projeto NURC/SP sob a orientação do Prof. Ataliba Teixeira de Castilho e com o apoio da FAPESP (Bolsa de Aperfeiçoamento 77/0416).

O "corpus" com que trabalhamos é parte de uma amostra representativa, constituída por cerca de 22:30hs de diálogos entre o informante e o documentador ou entre dois informantes e o(s) documentador(es), retirada de 340hs de gravação, em fita magnetofônica, de entrevistas com paulistanos cultos de ambos os sexos, distribuídos em três faixas de idade (I: 25 a 35 anos; II: 36 a 55 anos; III: 56 anos em diante) e envolvendo áreas semânticas variadas e graus crescentes de formalidade (da gravação secreta às elocuições formais). Para os objetivos desta comunicação as variáveis citadas não foram consideradas.

No projeto em que se inscreveu nosso trabalho previam-se para o infinitivo dois estudos independentes: um relativo ao "Infinitivo Perifrástico" e outro ao "Infinitivo Simples", ambos orientados por um Guia Questionário¹ que preconiza para o primeiro uma abordagem nocional e para o segundo um estudo de natureza sintática, sendo o objetivo final essencialmente taxonômico. A respeito das implicações teóricas e práticas que essa participação acarretou para a execução de nossa tarefa, bem como as respeito do que entenderíamos por "Infinitivo Perifrástico", já nos pronunciamos². Ocupando-nos agora com o "Infinitivo Simples", o que pretendemos é, mais que apresentar uma descrição sintática "acabada" do infinitivo, explicitar o que foi a tentativa de compor, ao menos para o gasto da atividade classificatória proposta no Projeto³, um primeiro referencial teórico a partir do qual não só a manipulação do material fizesse algum sentido, mas a descrição a respeito dos critérios e pressupostos teóricos com que o Projeto NURC pretenda trabalhar pudesse se fazer,

1. Infinitivo Simples

No âmbito do Projeto, o estudo da sintaxe do Infinitivo Simples repousa sobre a teoria sintática tradicional da oração e do período, o que, portanto, põe em jogo a noção de "partes do discurso" e de "função", entendidos como em Ducrot (1976). Re

gistrar as ocorrências de Infinitivo, seja como núcleo, seja como outro termo oracional implica então numa correta classificação, quer dos termos, quer das orações onde ele possa figurar. Assim, nossa preocupação maior foi distinguir, com a precisão possível, os limites sintáticos de cada termo e de cada tipo oracional que a teoria propõe. Esse trabalho de demarcação de limites sintáticos implica, por sua vez, na depreensão das relações que se estabelecem entre a ocorrência de infinitivo registrada e os demais constituintes do período. Questão a esta estreitamente relacionada, mas posterior, é a da nomenclatura classificatória dessas relações. Como esta já nos vem dada sem a discussão anterior sobre os padrões recorrentes de relações sintáticas, o que podemos deduzir como implícito na terminologia que o Guia nos fornece nem sempre pareceu condizer com as relações que observamos entre o infinitivo e as demais unidades morfo-sintáticas do contexto que o abriga. Daí, provavelmente, as dificuldades de classificação, que iremos explicitando a cada passo.

(Obs. - A referência feita pelo Guia ao "Infinitivo Flexionado" não está incorporada, ainda, ao texto definitivo. Não nos ocuparemos de dar destaque a esse item: a pessoalização ou não pessoalização do Infinitivo (que estão na base de sua possível flexão), se o Projeto se decidir pela relevância desse tipo de consideração, não exclui o estudo dos outros aspectos de seu comportamento sintático; razão pela qual os casos de infinitivo pessoal que pudemos detectar foram classificados sob os mesmos rótulos que os demais).

1.1. Infinitivo Simples em Uso Nominal

Para manter a distinção básica entre usos nominais e usos verbais que o Guia preconiza, deliberamos considerar como Uso Nominal do Infinitivo Simples aquele em que esta forma verbal aparece tão "descaracterizada como verbo que admite determinante (o, geralmente) e/ou flexão de número segundo os paradigmas nominais, exceção feita às ocorrências já cristalizadas (e dicionarizadas) como nomes (o jantar, o dever, o poder, etc). Nessas condições, 16 ocorrências nominais de infinitivo foram registradas.

1.1.1. Infinitivo Simples em Uso Nominal Subordinado

Quando em uso nominal, o infinitivo só poderá ser núcleo de oração nos casos de predicação nominal, quando então funcionarã como predicativo do sujeito. Caso contrário, será sempre subordinado, quer ao núcleo (como objeto, sujeito, adjunto adverbial, etc), quer a outros elementos (funcionando como adjunto adnominal, complemento nominal, etc). Uma terceira possibilidade é o infinitivo ser subordinado e subordinante, simultaneamente, nos casos em que admite complementos tipicamente verbais; ou seja: nos casos em que, apesar de nominalizado, mantêm-se ainda com características de verbo, comportando-se portanto tanto como nome quanto como verbo.

Ex: - "esse descer o leite é uma espécie de preparação psíquica da vaca ()" (Inq. 18, linha 414).

Análise alternativa para ocorrências desse último tipo seria, talvez, considerar toda a seqüência dominada pelo infinitivo como uma oração nominalizada pelo determinante inicial. O infinitivo seria classificado, então, como uma ocorrência "em orações nominalizadas".

No "corpus" examinado, não houve ocorrências de infinitivo em uso nominal com função de núcleo predicativo. Passamos portanto a alistar, com as respectivas freqüências absolutas, as funções nominais subordinadas⁴ que o infinitivo exerceu nas ocorrências registradas.

Funções substantivas: (9 ocorrências)

- como sujeito 2 ocorrências
- como objeto direto 1 ocorrência
- como complemento nominal 4 ocorrências
- como aposto 2 ocorrências

Funções adverbiais: (7 ocorrências)

- como constituinte de locução nominal
em função de adjunto adverbial 7 ocorrências

(Uma última observação: o que estamos entendendo por "infinitivo como constituinte de locução nominal em função adverbial" é o uso do infinitivo em adjuntos adverbiais do tipo: a meu ver, no decorrer de, etc.).

1.2. Infinitivo Simples em Uso Verbal

Como "uso verbal do infinitivo simples" queremos entender o uso em que o infinitivo não aparece acompanhado por nenhum determinante nominal (o, a, esse, etc), constituindo de fato núcleo de predicado: admite sujeito (expresso ou contextual) e de mais complementos e adjuntos verbais, embora nem sempre esses elementos estejam simultaneamente presentes.

Assim numa função que possamos identificar como tipicamente verbal, as relações de subordinação, coordenação ou independência a que o Guia se refere são, mais que relações entre o infinitivo e outros elementos do período, relações entre orações. Cabe, portanto, levantar as relações e a tipologia das orações de núcleo infinitivo.

1.2.1. Infinitivo Simples em Uso Verbal Independente

Sob esta denominação, reunimos as ocorrências de infinitivo como núcleo de orações absolutas. A oração, portanto, é que a rigor é independente - porque não está subordinada nem é subordinante de nenhuma outra - e isolada, porque nenhuma outra oração lhe está associada por qualquer mecanismo sintático reconhecido. No "corpus" analisado, essa independência sintática da oração infinitiva caracterizou-se:

1. Por uma "quebra" do esquema sintático que vinha sendo utilizado pelo informante:

a) quando da substituição do discurso indireto pelo direto (2 ocorrências).

Ex: - "() se você vem fazer esse seu trabalho achando um... aí, carregar esse gravador e... fica aquele negócio." (Inq. 328, linha 134);

b) quando da interrupção momentânea do esquema sintático inicial, para a enunciação do que a gramática tradicional chama "oração interferente" (1 ocorrência);

Ex: - "(), se ele próprio (Bach) (ao) escrever temas dele... usou, às vezes, o mesmo tema, a mesma... peça, não é dizer só um tema, a peça inteirinha, em dois instrumentos diferentes, eu não vejo porque a gente não possa colocar essa peça num outro instrumento." (Inq. 32, linha 729).

2. Por uma ocorrência sintaticamente isolada, absoluta, da oração infinitiva: (3 ocorrências).

Ex: "() ela tinha prioridade total sobre o automóvel. Levar filho pra escola, essa coisa toda" (Inq. 255, linha 179).

Em frases interrogativas, há uma possibilidade de o infinitivo ser núcleo de uma oração principal:

- "Como fazê-la morrer?" (Inq. 364, linha 542) (único caso registrado no "corpus").

Nesses casos, considerando-se que a subordinada é termo da principal (ver 1.2.3.), e que portanto o núcleo de um período composto por subordinação é o núcleo da oração principal, acreditamos poder classificá-los como independentes, na medida em que cumprem o mesmo papel subordinante do núcleo de uma oração absoluta. Mas uma segunda possibilidade seria considerar o infinitivo em oração principal como uma categoria à parte: nem independente, nem subordinado. Principal.

A ausência de relações sintáticas nítidas entre algumas ocorrências de infinitivo e os demais elementos do contexto foi registrada em 9 casos, todos eles apresentando a característica comum de figurarem em contextos sintaticamente mal formados, o que talvez possamos atribuir a falhas de desempenho. O resultado dessas má-formações é um certo isolamento do infinitivo em relação aos demais elementos do enunciado, razão pela qual talvez pudéssemos vê-los também como independentes, mas já num sentido bastante diferente do anterior, quando a categoria Independência remetia a padrões (o que implica em gramaticalidade) recorrentes de relações entre orações. Quer-nos pa^{ra}recer, portanto, que para tais ocorrências valeria reservar uma classificação específica: "Infinitivo em Sequências Mal Formadas ou Agramaticais". Para uso nosso, esta foi a solução adotada. Fica a sugestão a ser discutida pelos demais integrantes do Projeto.

Os infinitivos em enunciados mal formados caracterizam-se por:

- substituição de uma forma verbal não infinitiva, ou de um substantivo cognato, numa sequência em que um ou outro seria de se esperar, por um infinitivo (e ocorrências):

- Ex: - "(), então (mamãe) fazia tratamento, agulhada e tal, depois ir na feira com sacola." (Inq. 22, ficha 244).
- não utilização, pelo informante, de um instrumento gramatical (preposição, conjunção, etc) que estabeleceria inequivocamente a relação do infinitivo com os outros constituintes da construção em que ele figura (1 ocorrência).
- Ex: - "Nesses três dias, a não ser (para) ir a Maquinê, realmente eu saía do hotel para o Congresso, ()" (Inq. 11, linha 100)
- abandono, pelo informante, do esquema sintático de que se vinha servindo (3 ocorrências)
- Ex: - "Ah, eu não cuido (do marido doente). Tem uns remédios lá, tomar/...inaudível/, leite tal." (Inq. 22, ficha 219)

Nesta última ocorrência, "() eu ligar o rádio, só ligo na... na frequência modulada." (Inq. 328, linha 551), por integrar uma construção que parece fixa, cristalizada, o infinitivo parece não ter uma ligação sintática muito clara com o resto do enunciado, razão pela qual esse tipo de ocorrência é visto como independente, no Guia Questionário. Mas de um ponto de vista talvez mais semântico que sintático parece haver uma relação entre o infinitivo e a forma finita, aquele funcionando como um relativizador do significado desta. Assim, outra análise que nos parece sustentável é a que vê na oração dominada pelo infinitivo uma subordinada adverbial condicional. Por esta alternativa é que optamos.

1.2.2. Infinitivo Simples em Uso Verbal Coordenado

Neste trabalho, faremos distinção entre usos verbais independentes e coordenados do infinitivo, muito embora a coordenação, podendo relacionar tanto orações independentes quanto orações subordinadas entre si, seja um processo que não se opõe nem à subordinação nem à independência (cf. Morais, 1973).

Considerando que, estando sintaticamente relacionadas - posto a coordenação ser um mecanismo sintático - e considerando ainda nossa intenção de, sempre que possível, levar em conta a nomenclatura proposta pelo Guia, vamos reservar o rótulo "independente" para os usos do infinitivo caracterizados como núcleo de oração coordenada num período composto por coordenação.

Registramos a seguinte ocorrência de infinitivo coordenado:

- "() a impressão do Ruy acabará sendo muito mais profunda, daí se justificar essa prioridade." (Inq. 255, linha 795). A nosso ver, dificilmente a oração infinitiva deste período poderia ser vista como subordinada adverbial da oração anterior. A predicação que ela realiza não parece ser uma atribuição que incida sobre o verbo ou qualquer outro elemento da outra oração. Parece, isto sim, relacionar-se como um todo à anterior, considerada também em uma totalidade. Razões pelas quais acreditamos tratar-se de um caso de coordenação entre orações, apesar de uma delas

ter um núcleo infinitivo, tradicionalmente visto como uma marca de subordinação.

1.2.3. Infinitivo Simples em Uso Verbal Subordinado

Uso verbal subordinado de um infinitivo é o seu uso como núcleo de oração subordinada. Considerando-se que a subordinação é o "processo sintático que cria o sintagma, estabelecendo entre os constituintes uma relação de determinado e determinante" (M. Câmara Jr., 1973, p. 361), uma oração subordinada é uma oração determinante de algum dos termos da oração a que se refere. Funciona, portanto, como um termo oracional da Principal, razão pela qual a classificação exata de uma subordinada depende não apenas da apreensão precisa das relações entre esta e a Principal, como também de uma sólida teoria sobre as relações (e suas classificações) entre os termos de uma única oração. A sintaxe do período composto por subordinação - é o que supõe a teoria sintática tradicional - funciona segundo os moldes da sintaxe da oração: o período composto por subordinação é "reduzível", sintaticamente, a uma oração. E como tal, no interior do período como no interior da oração, as funções que os elementos - termo ou oração - podem exercer são classificadas como substantivas (sujeito, objeto, complemento nominal e predicativo), adjetivas (adjunto adnominal) e adverbiais (adjuntos adverbiais), todas elas funções nominais (cf. Mattoso Câmara, 1973). A função de núcleo do predicado é a única que, ao menos em princípio, não poderia ser exercida por uma subordinada, já que o núcleo da principal é também o núcleo do período. Como a função de uma subordinada é sempre vista como a de um termo da principal, buscamos, neste trabalho, estabelecer um estreito paralelo entre a sintaxe oracional e a do período.

A análise, e, principalmente, a classificação das orações de períodos compostos por subordinação, enfrentou algumas dificuldades:

1. Há um paralelismo imperfeito sobre a teoria sintática da oração e a do período composto por subordinação, que no entanto pressupõe aquela até mesmo na nomenclatura classificatória. Esclarecendo melhor: no estudo da oração, esta é dada como a interrelação de dois constituintes (sujeito e predicado) essenciais, e portanto não subordinados, cada um com o seu núcleo e o seu conjunto de eventuais complementos e adjuntos. Contraditoriamente, entretanto, a oração que no período exerce a função de sujeito da principal é classificada como subordinada, o mesmo acontecendo com a que exerce a função de predicativo do sujeito da principal, função esta que, na teoria da sintaxe da oração, é vista como de núcleo (o que implica sua não-subordinação) de predicados nominais.

Esse tipo de contradição teórica está provavelmente relacionada às duas considerações de ordens diversas (cf. Ducrot, 1976) de que a teoria sintática tradicional se utiliza, no estudo da estrutura da oração. Por um lado, se reconhece uma função predicativa (cuja natureza é essencialmente lógica) que garante a organização básica da oração enquanto juízo ou declaração feita a propósito de algo (ver 2.1.). Por outro lado, a estruturação interna da relação Sujeito/Predicado é vista como dependente do

verbo, em torno ao qual todos os outros termos (sujeito inclusive) se subordinariam. A primeira consideração estaria na base da teoria sintática de oração; a segunda fundamentaria o estudo da sintaxe do período.

A resolução teórica da questão não está ao nosso alcance, nem é nosso objetivo primeiro. Contradições classificatórias à parte, não estamos contestando a existência de orações que funcionam como sujeito de outras. Para que se fale legitimamente em oração subordinada subjetiva, entretanto, acreditamos ser forçoso reconhecer no verbo o núcleo sintático da oração; o que significa reconhecer que a função predicativa, não sendo propriamente sintática (mas lógica), se "atualiza", se assim podemos dizer, através de uma relação de subordinação sintática entre o termo que geralmente representa o tema da oração (o nome sujeito) e o que habitualmente desempenha o papel de predicado (o verbo). Mesmo nos casos em que o predicado é classificado como nominal, o verbo copulativo deverá ser visto como o termo subordinante por excelência, e o predicativo do sujeito, então, como um caso de predicado (lógico) sintaticamente subordinado. Como vamos conservar no trabalho a nomenclatura que dá a oração subjetiva como subordinada, será esse pressuposto que fundamentará a classificação.

2. A distinção entre complemento nominal e adjunto adnominal, de que dependeria a distinção paralela entre orações nominais e orações adjetivas, se revela mais sutil do que pareceria à primeira vista. Esta oposição tem como fundamento a idéia de transitividade (ver 2.1.): o complemento nominal seria a expressão que "completa" a significação lacunar de um nome transitivo. Por este seu caráter completivo, seria obrigatório (sua ausência, se não suprida pelo contexto, acarretando agramaticalidade), enquanto o adjunto adnominal seria a expressão não obrigatória que determina (relativiza) a significação de um nome intransitivo, e cuja ausência não alteraria a gramaticalidade do enunciado. A questão está, justamente, em definir-se o que seja significação in completa de um nome.

Alguns autores (M. Câmara, 1973; Bechara, 1976; Cunha, 1975) têm visto na transitividade uma propriedade essencialmente verbal que se mantém quando da nominalização de construções com núcleo verbal transitivo. Assim, o complemento nominal manteria com seu núcleo o mesmo tipo de relação que os complementos verbais estabelecem com os verbos a que se referem, e só poderíamos falar de complemento nominal para os deverbiais efetivamente transitivos. Nessa concepção, o complemento nominal é visto como objeto ou agente da passiva de construções nominalizadas: "em a entrega da casa pelo locatário", os elementos grifados estariam para entrega como estão para entregar, nas construções verbais respectivamente ativa e passiva correspondentes à nominalização exemplificada.

Já que estamos reconhecendo no sujeito um complemento verbal (tanto quanto o objeto), o equivalente nominal de uma construção de Sujeito/Verbo Intransitivo também deve ser visto como resultado numa seqüência de deverbais/complemento nominal: a oração "O artista morreu", nominalizada, faria de artista complemento nominal de morte: "a morte do artista" (cf. Macambira, 1974). Todo o trabalho analítico deve ser,

pois o de detectar os deverbais e seus complementos. Os nomes efetivamente não deverbais, apesar de admitirem determinações que no plano da expressão podem ser idênticas às que consubstanciam o complemento nominal, (nome/prep./nome subord.), diferenciam-se dos deverbais por não estabelecerem entre as expressões nominais que lhe são subordinadas e eles próprios, o mesmo tipo de relação verbo/complemento que os deverbais permitem (Ex: "retrato do artista").

A noção de transitividade põe em evidência o problema da coesão ou solidiedade sintagmática: uma construção de nome/complemento nominal forma um complexo fortemente ligado, tão ligado quanto a oração ou o sintagma verbal correspondente. Mas a coesão de um sintagma nominal não depende apenas das relações verbo/complementos que possam traduzir: as lexias compostas também são construções fortemente ligadas, o mesmo podendo dizer-se, embora num grau menor, das construções de nome/determinante. Esse critério da solidariedade sintagmática entre os termos envolvidos na expressão considerada parece ser também decisivo, quando se sai do terreno puramente teórico para o da prática classificatória. O Guia, por exemplo, inclui o infinitivo de máquina de escrever entre os complementos nominais, justamente por ele a integrar uma lexia composta, muito embora em função nitidamente adjetiva. Outro tipo de coesão é a que se estabelece ou entre um nome em função de predicativo e uma construção de valor nominal que lhe é subordinada (Ex: "meu irmão é bom de garfo") ou entre os atributos nominais que num predicado de existência incidem quer sobre o sujeito, quer sobre o objeto (Ex: "tem gente ruim de cabeça, por aqui"). Talvez por este motivo, Macambira (1974) afirma categoricamente que toda construção de adjetivo/prep./nome produz complemento nominal. Sem aprofundar a questão, que mereceria cuidado especial, deliberamos classificar tais casos como complementos nominais, embora a coesão existente entre os constituintes desse tipo de sintagma seja de natureza bastante diferente da que a transitividade garante.

A consequência dessa classificação está em que as orações completivas nominais são serão dadas como tais se estiverem incidindo ou sobre um deverbal com o qual estabelecem uma relação semelhante à que existe entre os constituintes de um sintagma verbal (Ex: "() não há necessidade de ser de azeite de oliva." Inq. 11, linha 659), ou sobre um adjetivo, nos casos de predicação nominal ou de existência (Ex: "() o umbigo é a parte perigosa de infeccionar" Inq. 93, ficha 178; "() lã na minha região num tem gente capaz de cuidar." Inq. 93, ficha 141).

3. As classificações sintáticas tradicionais dizem respeito não apenas a relações sintáticas entre elementos, mas, também, a noções semânticas que frequentemente estejam associadas a tais relações. Adjunto adverbial, por exemplo, é uma categoria que remete a uma relação de determinação entre um verbo, um adjetivo, ou toda uma oração, e o termo determinante que recebe essa denominação; mas a subclassificação do adjunto adverbial (modo, tempo, etc.) já diz respeito à expressão de determinadas categorias semânticas. Talvez por essa dupla tarefa a que a análise então nos obriga, freqüentemente a prática analítica oscila entre um e outro critério e a expressão de certas categorias acabam nos parecendo exclusivas de determinadas relações sintáticas. É

esse o caso da expressão da finalidade, que logo de saída o hábito classificaria como adverbial, mas que a análise mais detida reconhece como possível de constituir orações com funções tão diversas como a adjetiva, a adverbial, a completiva nominal e até mesmo a predicativa. A determinação da função de uma oração final dependerá de suas relações com o contexto. Tudo parece depender da natureza da relação, e portanto também da natureza dos termos com os quais o infinitivo esteja relacionado. Examinando o material recolhido, pudemos organizar as orações finais como segue:

- a) Oração final subordinada a uma Principal de núcleo intransitivo: (179 ocorrências)

Nesse tipo de esquema sintático, a oração é facilmente classificável como adverbial, por incidir inequivocamente sobre o verbo da oração principal.

- Ex: - Informante 1: "E teve uma escola que fechou pra...
- Informante 2: "fazer uma inspeção." (Inq. 22, ficha 43)

- b) Oração final subordinada a uma Principal de núcleo transitivo:

Essas ocorrências, em muitos casos (64), parecem sintaticamente ambíguas, uma vez que a predicação da oração final parece ser uma atribuição feita não apenas ao verbo, mas também (e muitas vezes principalmente), ao objeto, com o qual parece compor um sintagma coeso.

- Ex: - "() (eles) têm aparelhos... pra tirar o leite." (Inq. 93, ficha 197).

Por essa sua ambigüidade, acreditamos que ocorrências desse tipo admitem duas classificações diferentes: adverbiais ou adjetivas. Conforme se considere uma ou outra relação como a mais relevante. De nossa parte, preferimos classificá-las como adverbiais, considerando que essa dupla incidência da oração final a denuncia como determinante de toda a predicação da principal; além disso, o fato de elas poderem vir antepostas à principal, como em "() então pra assar, quando é carne, coelho, nós estamos falando, algumas tiras de toucinho cortados, embrulha em papel-alumínio, ()" (Inq. 11, linha 268), revela um comportamento sintático que não é o da oração adjetiva.

- c) Oração final subordinada a uma principal cujo núcleo é um verbo de ligação ou os verbos ter/haver (com sentido de existir): (43 ocorrências)

Nesses casos, o verbo (cuja significação está bastante atenuada) desempenha uma função meramente copulativa: a predicação parece estar apoiada principalmente no complemento verbal e na atribuição que a oração final lhe faz.

- Ex: - "() se for criança tem muito.. coisa pra guardar, né?" (Inq.37, linha 293)
- "() (mamãe fazia) um grude de farinha de mandioca e água que é pra não escapar nenhum vapor." (Inq. 11, linha 723)

A coesão entre o complemento verbal e a oração final é muito maior do que a que possa existir entre esta e o verbo da Principal. A classificação da oração final fica então na dependência da natureza desse complemento. Se é um adjetivo ou um

substantivo transitivo, ela parece comportar-se como seu complemento nominal (ver item 2-). Ex: - "() é um gado manso para tratar ()" (Inq. 18, linha 349); se é um substantivo intransitivo, como seu adjunto adnominal. Ex: - "() aquele tipo de angústia, que se não é... um passo para resolver os problemas existenciais é pelo menos uma posição ()" (Inq. 255, linha 1026).

Outra possibilidade é não existir na principal o item lexical nominal com função de complemento verbal (predicativo). A oração final é que então exerce essa função, que nos casos registrados foi sempre de predicativo do sujeito da oração que lhe é principal (e que por sua vez é uma adjetiva da anterior).

Ex: - "() uma peça que eu não sei o nome, que seria...como é que chama? para macetar." (Inq. 11, linha 293).

(Obs. Lembramos que estamos considerando o predicativo do sujeito como complemento verbal - cf. Câmara Jr., 1973 - por estarmos vendo no verbo o núcleo sintático da oração).

1.2.3.1. Infinitivo Simples em Uso Verbal Subordinado: nas Orações Substantivas

Subjetivas - A classificação de uma oração infinitiva subordinada como subjetiva não encerra dificuldades maiores nos casos em que o verbo da oração com que se relaciona não é um verbo copulativo (13 ocorrências); a natureza da relação (a função de sujeito) aparece claramente.

Ex: "E foi o que aconteceu, bastando-nos citar como primeiro dramaturgo o português Antônio Ferreira ()" (Inq. 364, linha 111)

- "Quer dizer, vale a pena conhecer a Pampulha".

Quando o verbo que estabelece a relação entre as duas orações é um verbo copulativo, a classificação da infinitiva como sujeito da outra depende de esta ou tra possuir um predicativo (adjetivo, locução adjetiva ou substantivo usado como adjetivo) que se refira à oração infinitiva. (54 ocorrências)

Ex: - "Sair é raro." (Inq. 11, linha 464)

- "Eu disse a ele que só poderia aceitar se fosse possível levar a minha esposa também." (Inq. 255, linha 95)

Em alguns casos o verbo copulativo (geralmente ser) liga ou duas orações que não têm em seu interior nenhum termo adjetivo que funcione como predicativo da outra, ou relaciona um termo simples (não adjetivo) e a oração adjetiva. (26 ocorrências)

Ex: - "E privá-los disso seria, realmente, dar o maior dos castigos." (Inq. 255, linha 386)

- "() a tendência é sempre fazer as refeições na sala de almoço."

- "() o objetivo é captar o rei." (Inq. 20, ficha 55)

Em ambos os casos o sujeito sintático, a nosso ver, pode ser qualquer dos dois sintagmas que o verbo copulativo relaciona, o mesmo acontecendo com o predicativo. O que parece indicar que, para esses casos, sujeito e predicado se confundem. Diante do que nos pareceu um impasse, deliberamos considerar como subjetiva a oração que, ao nível de nossa intuição lingüística, parecesse comportar-se como o tema sobre o qual recaísse a informação. As demais, classificamos como predicativas.

Predicativas - Frequentemente, a oração predicativa, que representa uma atribuição feita ao sujeito da Principal, confunde-se com a subjetiva, principalmente quando o verbo da Principal é ser, como foi o caso para a totalidade das ocorrências que registramos. (25 ocorrências)

Ex: - "Capitão é pegar com a mão um punhado daquela farinha ()" (Inq. 11, linha 699)

Como nesses casos não há na oração anteposta ao verbo ser nenhuma expressão inequivocamente adjetiva referindo-se ao sujeito da anterior, nem a oração infinitiva parece constituir o tópico da conversação, classificamos como predicativas as orações pospostas ao verbo copulativo.

Objetivas - A oração infinitiva objetiva é a que funciona como objeto (que semanticamente representa o "alvo" da significação processual do verbo) do núcleo transitivo da oração principal. Os qualificativos direta e indireta que se lhes acrescenta referem-se à ligação imediata (sem nexos subordinativos)

Ex: - "() eu procuro ouvir e procuro saber o que acontece." (Inq. 32, linha 366);
ou mediata (com o nexos)

Ex: - "() (a pessoa) que impede o rei de se defender de..." (Inq. 20, ficha 57)

entre o núcleo transitivo da principal e seu complemento oracional. Habitualmente, o caráter imediato ou mediato da relação verbo/objeto é atribuída ao próprio item lexical verbal como uma sua propriedade intrínseca, embora o uso efetivo não estabeleça uma divisão tão nítida entre verbos transitivos diretos e indiretos. Nos exemplos que recolhemos houve apenas três "transgressões" aos usos prescritos pela norma gramatical à transitividade verbal:

- "() (pedi) para ele me... me permitir de assistir o... aos ensaios ..." (Inq. 20, ficha 79).
- "() se deu por tarefa não de imaginar e de construir mecanicamente uma intriga, ()" (Inq. 364, linha 248)
- "(), não sou contra, Deus me livre, ser contra a técnica" ()" (Inq. 328, linha 389)

A classificação que fizemos levou em conta o uso efetivo: havendo nexos,

a ocorrência foi classificada como indireta; não havendo, direta. O número de ocorrências, por grupo, foi o seguinte:

Diretas: 120

Indiretas: 64

Completivas Nominais - Os critérios adotados para distinguir as completivas nominais das adjetivas já foram explicitados em 2.3.2.3.. Resta-nos apresentar a distribuição das 121 ocorrências levantadas:

a) Completivas Nominais ligadas a um verbal (este, geralmente em função de complemento do verbo da oração principal); (51 ocorrências)

Ex: - "() não há necessidade de ser de azeite de oliva." (Inq. 11, linha 659)

- "Mas depois de ter criado essa dependência, poderia ter a pretensão de elevar o seu nível.

b) Completivas Nominais ligadas a um adjetivo: (43 ocorrências)

Ex: - "... eu nem seria capaz de dizer qual é () a imagem em voga hoje ()" (Inq. 20, ficha 3)

c) Oração final em função de completiva nominal de um verbal da principal: (7 ocorrências)

Ex: - "() é esse tipo de doença aonde há uma dificuldade pra andar ()" (Inq. 22, ficha 210)

d) Oração final em função de completiva nominal de um adjetivo da oração principal: (20 ocorrências)

Ex: - "Geralmente há igrejas em que há uma sala especial para receber os cumprimentos ()" (Inq. 22, ficha 167)

Apositivas - O aposto é o termo que retoma outro, na oração, repetindo-lhe a função sintática mas acrescentando-lhe uma informação nova. Consideramos como apositiva, então, toda oração que parecesse exercer a mesma função de um termo qualquer da principal, ao mesmo tempo que se lhe relacionasse, semanticamente, como uma explicativa. Nessas condições, pudemos reunir 11 ocorrências de orações apositivas infinitivas, 9 delas referindo-se ao objeto da principal,

Ex: - "() eu acho isso repousante, quer dizer, saber que eu vou tomar um trem ()" (Inq. 255, linha 208),

1 referindo-se ao sujeito,

Ex: - "() (o fato narrado anteriormente) representa, assim, o agravamento de um estado, assim, de marginalização da pessoa, ela ser inserida naquele mundo

dos crimes, entende?" (Inq. 255, linha 847) (Esta ocorrência não será com-putada como infinitivo simples: trata-se de uma passiva. Figura aqui ape-nas como exemplo de oração infinitiva subjetiva apositiva).

e, finalmente, l referindo-se ao adjunto adverbial de modo.

Ex: - "E bem... assim... esquecer mesmo o movimento de São Paulo."

1.2.3.2. Infinitivo Simples em Uso Verbal Subordinado: nas Orações Adjetivas (164 ocorrências)

Oração adjetiva é a que funciona como adjunto adnominal de um termo da principal. Tem sido vista, pela maioria dos gramáticos, como introduzida por um nexos relativo que retoma, já nos próprios limites dela, o termo da principal a que se refere (chamado antecedente). Mas as orações que possamos ver como exercendo uma função de adjunto adnominal nem sempre são introduzidas pelo pronome relativo que ou outro qual-quer. Frequentemente, o que liga a oração com função de adjunto adnominal e o termo por ela determinado é uma preposição. O problema da classificação das adjetivas está então em distingui-las das completivas, com que se assemelham, do ponto de vista do plano de expressão (ver 2.3.2.3.).

Das orações que não se submetem aos critérios fixados neste trabalho pa-ra a determinação das completivas nominais (...) apenas 11 são introduzidas por pronome relativo. As demais obedeceram ao esquema Termo(nome) da Principal/prep./Or.Infin . Na sua quase totalidade, são substituíveis por uma adjetiva "típica" introduzida por relativo, muito embora nem sempre a significação da relativa correspondente seja o equivalente semântico exato da introduzida pela preposição.

Ex: - "Quer dizer, se na hora de tomar uma decisão ()" (Inq. 255, linha 759)

O comportamento sintático desse tipo de ocorrência parece estar a meio caminho entre os infinitivos das lexias compostas como máquina de escrever ou máquina de lavar e as orações adjetivas relativas, que estabelecem com o termo da principal um menor grau (ao menos no nível de nossa intuição lingüística) de coesão ou solidariedade de sintagmática. Algumas palavras, como época, hora, idade, questão, fator, maneira, forma, tempo, etc., parecem estabelecer com as orações infinitivas que lhes determinam a significação uma forte ligação, que não é, entretanto, a mesma das lexias compostas, visto tratar-se de relações entre orações.

Também ocorre que esses efeitos de coesão devam-se ao fato de a adjetiva "integrar", por assim dizer, um adjunto adverbial como no momento em que, a ponto de, na medida em que, no caso de, etc.

Ex: - "Ah, em geral são as filhas que cuidam, no caso de haver quedas." (Inq. 22, ficha 215)

Outro tipo de adjetiva é o da oração final que determina um substantivo

qualquer de uma principal cujo núcleo é ou um verbo tipicamente copulativo, ou um verbo que circunstancialmente exerce essa mesma função.

Ex: - "Tem alguma coisa pra traduzir, fico traduzindo." (Inq. 37, linha 479)

1.2.3.3. Infinitivo Simples em Uso Verbal Subordinado: nas Orações Adverbiais (335 ocorrências)

Se o paralelismo "sintaxe da oração/sintaxe do período" deve ser sustentado, a oração adverbial deve comportar-se como um adjunto adverbial (determinante de verbos e nomes), e sua tipologia, portanto, deve ser semelhante à dos adjuntos adverbiais que ela substitui: para cada tipo de adjunto, uma subordinada adverbial correspondente. Esta é a posição de Morais (1973), que adotaremos aqui. Uma vez constatada a insuficiência da nomenclatura tradicional das adverbiais pudemos nos valer dos rótulos (e da fundamentação teórica correspondente) e dois tipos de oração adverbial propostos por Morais: as Substantivas e as Aditivas.

Como a nomenclatura pretende exatamente explicitar o tipo de determinação adverbial realizada pela oração em questão, vamos nos limitar a alistar a tipologia das adverbiais, junto com exemplos do "corpus" referentes a cada rótulo.

Modais

- Ex: - "() e se vai colocando essa farinha sem acalçar, ()" (Inq. 11, linha 715)
- "A última viagem de trem que fiz, como que a desmentir essa minha impressão... foi uma viagem marcada por um incidente muito sério: ()" (Inq. 255, linha 237)

Causais

- Ex: - "... o tatu à mineira, que me chamou a atenção de ser completamente diferente do...do...tatu paulista, ()" (Inq. 11, linha 158)
- "() nem que ela não aposente de trabalhar ao menos ela recebe um dinheirinho ()" (Inq. 328, linha 511)

Concessivas

- Ex: - "() eu não sei nem como é que é a sala de parto, apesar de ter três filhos." (Inq. 22, ficha 76)
- "() a televisão está prestando um grande desserviço, sem considerar a mensagem quase sempre de violência que ela leva ()" (Inq. 255, linha 533)

Condicionais

- Ex: - "() eu ligar o rádio, só ligo na... na frequência modulada."

Comparativas

- Ex: - "() pro coro foi muito pior ele fazer isso, do que cantar" (Inq. 32, linha 541)

- "() pagou juros mas cobriu a dívida, é menos oneroso que de assinar uma promissória por 60 ou 90 dias." (Inq. 250, linha 378)

Temporais

- Ex: - "... maceta bem o ... os pedaços do... do limão com açúcar, até ficar bem misturado ()" (Inq. 11, linha 296)
- "É c que ele faz sô cedo ao sair de casa." (Inq. 11, linha 359)
- "Antes dele aparecer a gente já vê a cabeça, ()" (Inq. 32, linha 168)

Finais

- Ex: - "() até falei a ela que telefonasse pra Carola, pra perguntar onde que mandava buscar." (Inq. 22, ficha 9)
- "() pra se sair ou entrar em Belo Horizonte tem que subir." (Inq. 11, ficha 1)
- "() eu nunca sei a posição dela ali pra indicar uma ou outra, ()" (Inq. 37, linha 666)

Substitutivas

- Ex: - "() em vez de ser de quatro em quatro meses, três em três meses tem que receber a vacina." (Inq. 93, ficha 182)
- "Então, se ele () precisar de dez mil cruzeiros, em lugar de assinar um papagaio num banco qualquer ele vai lá e saca dez mil cruzeiros, ()" (Inq. 250, linha 373)

Aditivas

- Ex: - "E além de cozinhar muito bem, quer dizer, doces de todas... qualidade ." (Inq. 11, linha 222)

Sob esta designação estamos renindo as ocorrências de infinitivo em ex pressões já cristalizadas que funcionam como nexos gramaticais, quer nos limites da oração,

"Bem, primeiramente a partir do... a localização da casa." (Inq. 37, linha 7)

quer nos do período:

"É evidente que a partir do alcance desta prioridade, nós poderíamos pretender alcançar outras ()" (Inq. 255, linha 1196)

(Obs. Estamos vendo em alcance o núcleo nominalizado de uma oração subordinada)

"Nesses três dias, a não ser ir a Maquinê, realmente eu saía do hotêl para o Congresso, ()" (Inq. 11, linha 100)

As locuções registradas foram as duas que figuram nos exemplos dados :

a partir de (2 ocorrências) e a não ser (8 ocorrências). Parece-nos fora de dúvida o valor de nexos subordinativo (preposição) de expressões desse tipo; e a ocorrência morfológica de infinitivo que as integra não é, propriamente, nem verbal nem nominal. Justifica-se, portanto, a criação de um novo tipo de classificação para ocorrências como as que acabamos de citar. Uma segunda possibilidade é excluir tais ocorrências do item Infinitivo e fazê-las figurar apenas no item Nexos.

2. Quadro Estatístico Geral das Ocorrências de Infinitivo Simples

(972 ocorrências - 44,90% do total de 2.165 ocorrências de infinitivo)

1. Em Uso Nominal - (16 ocorrências)

1.1. Subordinado - 16

1.1.1. Com função Substantivas - 9

- como sujeito: 2
- como objeto direto: 1
- como complemento nominal: 4
- como aposto: 2

1.1.2. Com funções Adverbiais - 7

- em locuções nominais de valor adverbial: 7

2. Em Uso Verbal - (944 ocorrências)

2.1. Independente - 7

- em orações absolutas: 6
- em orações principais: 1

2.2. Coordenado - 1

- em oração sindética conclusiva: 1

2.3. Subordinado - 936

2.3.1. em orações substantivas - 437

- subjetivas: 93
- predicativas: 26
- completivas nominais: 121
- objetivas diretas: 123
- objetivas indiretas: 63
- apositivas: 11

2.3.2. em orações adjetivas - 164

2.3.3. em orações adverbiais - 335

- modais: 20
- causais: 5

- concessivas: 12
- condicionais: 1
- comparativas: 7
- Consecutivas: 1
- temporais: 32
- finais: 244
- substitutivas: 11
- aditivas: 2

3. Na expressão por assim dizer - (2 ocorrências)

4. Em Enunciados Mal Formados (agramaticais) - (9 ocorrências)

5. Em Locuções com Valor de Instrumento Gramatical - (1 ocorrência)

3. Comentários Finais

A confiarmos nos critérios classificatórios adotados no trabalho, pode mos dizer que o infinitivo aparece, predominantemente, em usos verbais subordinados , quer consideremos apenas as formas simples, quer incluamos as seqüências que, segundo Lobato (1975) e Pontes (1973), a um exame mais detido revelam-se períodos compostos por subordinação, o que é quase uma confirmação dos autores que vêm nele uma marca de subordinação oracional. Mas as ocorrências de Infinitivo Independente e de Infinitivo Coordenado, embora proporcionalmente pouco significativas, apontam para uma complexidade maior da questão (talvez fosse interessante investigar as condições - os contextos - em que essa forma verbal intemporal pode ser núcleo de orações absolutas ou coordenadas). Os usos nominais, também em pequeno número, confirmam, por sua vez, a natureza ambígua do infinitivo, verbo e nome. Considerando agora a possibilidade de o infinitivo integrar locuções que funcionam como instrumentos gramaticais, parece então que as funções que ele exerce repassam todo o quadro da sintaxe tradicional, o que lhe dá um interessante caráter econômico.

Segundo cremos, mais importante que essas considerações de cunho muito geral e apoiadas em resultados ainda provisórios, é atentar para a necessidade de uma discussão sobre os critérios de classificação que torne comum à equipe do Projeto não apenas uma mesma terminologia classificatória, mas, principalmente, a investigação, sob os rótulos escolhidos, dos mesmos fatos, sem o quê não há comparação possível dos resultados. Nesse sentido, dada a quase impossibilidade de pensarmos uma teoria da sintaxe oral para uso de um projeto de proporções tão grandes, gostaríamos de sugerir, ao menos, que a metodologia da investigação talvez ganhasse em precisão de resultados se, no lugar de partirmos de rótulos para buscarmos no material analisado as relações sintáticas que suponhamos correspondentes, pudéssemos antes investigar os padrões que de

fato se estabelecem na fala coloquial, para depois então, ainda que dentro dos limites teóricos da sintaxe tradicional, procurarmos os rótulos mais adequados.

Outra questão: tal como prevista no Projeto, a abordagem sintática do infinitivo não prevê uma possível especificidade do comportamento dessa forma verbal nos dialetos das camadas paulistanas cultas, e portanto, se pode nos dar - como vimos aqui - um quadro estatístico que traduza em números a teoria com que se escolheu trabalhar, dificilmente nos dará a medida (não estatística) da diferenciação do dialeto culto paulistano em relação aos demais, já investigados ou a investigar no Projeto. Com isso, todo o esforço acaba por servir mais a um suposto "projeto de gramática da língua portuguesa" que a uma tentativa de descrever um dialeto português no que ele tenha de característico.

Diante da complexidade de um trabalho que implica toda uma teoria do funcionamento gramatical e sociolinguístico da língua portuguesa, só nos resta sublinhar mais uma vez o caráter superficial, precário, tentativo e portanto necessariamente provisório e modesto deste nosso esforço.

(Sem nos eximir da responsabilidade pelas falhas deste trabalho, que reamos agradecer a gentileza do professor Clóvis Morais, da FFCL de Marília, que atendeu nosso pedido de referências bibliográficas, e do amigo Marco Antônio de Oliveira que muito nos ajudou na confecção e manipulação das fichas necessárias ao trabalho prático desta pesquisa).

NOTAS

1. Guia Questionário do Projeto NURC/Brasil - texto inédito. Tradução brasileira do original espanhol.
2. V. "Estudos Linguísticos" 2: 1978, pp. 152-164.
3. A leitura mais detida do item "Infinitivo" do Guia Questionário resultou numa proposta de reformulação parcial do mesmo, o que foi feito sem que entretanto transpusessemos os limites teóricos do Guia. A classificação passou então a obedecer a um esquema descritivo que tornou mais claro, para cada ocorrência morfológica de infinitivo, os três procedimentos básicos de análise implícitos: 1º classificação quanto à parte do discurso a que diga respeito (se verbo ou nome); 2º classificação segundo o tipo de arranjo sintático em que apareça (se subordinado, coordenado ou independente); 3º identificação da função que desempenhe.
4. Estamos entendendo a categoria "nome" como em Mattoso Câmara (1973).

BIBLIOGRAFIA

ALBA, J. Moreno de - "Las Formas Verbales y sus valores en el Español hablado en México", México, UNAM, 1975.

- BECHARA, E. - "Lições de Português pela Análise Sintática", Rio de Janeiro, Grifo, 10ª ed., 1976.
- CÂMARA, Jr., J. Mattoso - "Dicionário de Filologia e Gramática", Rio, José Ozon Editor, 5ª ed., 1973.
- , "História e Estrutura da Língua Portuguesa", Rio, Padrão-Liv. Ed., 2ª ed., 1976.
- , "Princípios de Linguística Geral", Rio, Acadêmica, ed., 1973.
- CHAVES DE MELLO, G. - "Novo Manual de Análise Sintática", Rio, Acadêmica, 3ª ed., 1967.
- CUNHA, C. - "Gramática da Língua Portuguesa", Rio, MEC/FENAME, 2ª ed., 1975.
- DUBOIS, J. (et al.) - "Dictionnaire de Linguistique", Paris, Larousse, 1973.
- DUCROT, O. e Todorov, T. - "Dicionário das Ciências da Linguagem", Lisboa, Dom Quixote, 3ª ed., 1976.
- JUCÁ(Filho), C. - "132 Restrições ao Anteprojeto de Simplificação e Unificação da NGB" - Rio, MEC, 1958.
- KURY, A. da G. - "Gramática Fundamental da Língua Portuguesa do Brasil", São Paulo , LISA, 1973.
- , "Lições de Análise Sintática", São Paulo, LISA, 7ª ed., 1973.
- LOBATO, Lúcia Maria P. - "Os Verbos Auxiliares em Português Contemporâneo. Critérios de Auxiliaridade", in: "Análises Lingüísticas", Petrópolis, Vozes, 1975.
- LOCKET, Landon - "O Uso do Infinitivo num Corpus de Português Coloquial Brasileiro" , Marília, FFCL, 1969.
- MACAMBIRA, J. R. - "A Estrutura Morfo-Sintática da Português", São Paulo, Ed. Pioneira, 2ª ed., 1974.
- MORAIS, C.B. de - "Alguns Tipos de Orações Subordinadas Adverbiais", Marília, Dep. de Letras da FFCL de Marília, Rev. ALFA, nº 18/19, 1972/1973.
- MAURER, Jr., T.H. - "O Infinitivo Flexionado Português", São Paulo, Ed. Nacional, EDUSP, 1968.

OLIVEIRA, J. L. de - "Interpretação da NGB", Rio, Bibl. do Exército Ed., 1965.

PERINI, Mário A. - "A Gramática Gerativa", Belo Horizonte, Vigília, 1976.

PONTES, Eunice - "Verbos Auxiliares em Português", Petrópolis, Vozes, 1973.

TRAILL, E. L. - "Observaciones Sobre el Infinitivo Final en el Español Mexicano", in:
Anuario de Letras, vol. VII, México, UNAM, 1970.